



**“MATAR COM CUIDADO DE OURIVES”:
REPRESENTAÇÕES DE VIOLÊNCIA NO CONTO *O REVÓLVER DA PAIXÃO*, DE
NÉLIDA PIÑON**

**“KILLING YOU WITH THE CARE OF A GOLDSMITH”:
REPRESENTATIONS OF VIOLENCE IN THE TALE *O REVÓLVER DA PAIXÃO*,
BY NÉLIDA PIÑON**

Ana Luiza Souza Tavares¹
Maria Edileuza da Costa²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo analisar o conto *O Revólver da Paixão*, presente na coletânea *O Calor das Coisas* da escritora brasileira Nélida Piñon (1998), identificando aspectos relativos à representação da violência interpessoal e entre parceiros íntimos. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica, bem como de uma abordagem teórico-crítica baseada na Teoria da Literatura e nas concepções de violência, tal como concebe Coelho, Lindner e Silva (2014) e Saffioti (2004), assim como o conceito de violência simbólica postulado pelo filósofo Bourdieu, e explanado por Souza (2014) e Brandt (2014). Tratou-se ainda de uma pesquisa qualitativa, de modo que a análise não conteve um único ponto de vista. Ao final da análise, foi possível afirmar que a obra de Piñon representa, de fato, algumas das formas de violência discutidas no decorrer do texto, principalmente as que são características de violência entre parceiros íntimos e da violência simbólica.

Palavras-chave: Violência. Conto brasileiro contemporâneo. *O Revólver da Paixão*. Nélida Piñon.

¹ Mestranda em Literatura, Cultura e Representação no Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). Graduada em Letras – Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN). E-mail: aluizast@hotmail.com.

² Possui Pós-doutorado pela Universidade Estadual do Piauí (UESPI). Doutora e Mestre em Letras pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). É professora permanente (voluntária) do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem (PPCL) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), atuando nos temas: o feminino na literatura, literatura e ensino, análise literária, personagem feminino e mito. E-mail: edileuzacostauern@gmail.com.

ABSTRACT

This article aims to analyse the tale *O Revólver da Paixão*, which is part of the selection *O Calor das Coisas* by the Brazilian writer Nélida Piñon (1998), in order to identify aspects related to the representation of interpersonal violence between intimate partners. The research is bibliographical, and takes a theoretical-critical approach based on Literary Theory and on conceptions of violence, as conceived by Coelho, Lindner and Silva (2014) and Saffioti (2004), as well as the concept of symbolic violence postulated by the philosopher Bourdieu, and explained by Souza (2014) and Brandt (2014). It was a qualitative research and, as such, the analysis did not have one single point of view. At the end of the analysis, it was possible to affirm that Piñon's work represents, in fact, some of the forms of violence discussed over the text, especially the ones that are characteristic of violence between intimate partners and of symbolic violence.

Keywords: Violence. Contemporary Brazilian tale. *O Revólver da Paixão*. Nélida Piñon.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O termo 'violência' é utilizado de maneira bastante generalizada na sociedade, majoritariamente em referência a ações que têm como resultado danos físicos. Apesar disso, trata-se de um termo que abrange outras tipologias, comportamentos, ações e resultados. Coelho, Lindner e Silva (2014) dividem o conceito de violência enquanto ferramenta de controle de um indivíduo sobre outro em três tipos principais: violência coletiva, violência autoinfligida e violência interpessoal, e expõem os comportamentos e ações característicos de cada um.

Adicionalmente, o sociólogo francês Pierre Bourdieu aprofundou essa noção de violência, que sempre existiu na sociedade, ao desenvolver os conceitos de poder simbólico e violência simbólica, que se caracterizam pelo fato de não serem explicitamente notados por aqueles que se encontram sob sua influência e dominação. Todos esses tipos de violência podem ser encontrados em diversos setores da sociedade e, com certa frequência, como apontam Coelho, Lindner e Silva (2014) e Saffioti (2004), a serem citados nesse trabalho, são vivenciados pelas mulheres em decorrência de ações dos homens contra elas.

A partir de uma pesquisa bibliográfica com abordagem teórico-crítica fundamentada pela Teoria da Literatura, esse trabalho buscou identificar, discutir e analisar no conto *O Revólver da Paixão*, presente no livro *O calor das coisas* da escritora brasileira Nélida Piñon (1998), possíveis representações dos tipos de violência discorridos pelos autores e teóricos apresentados. A primeira seção trará uma exposição dos principais conceitos e subdivisões da violência enquanto fenômeno social, baseando-se em trabalhos de Coelho, Lindner e Silva (2014), Saffioti (2004) e Souza (2014); já a segunda seção, consistirá na análise do conto de Piñon, com base nos pressupostos teóricos discutidos.

2 O CONCEITO DE VIOLÊNCIA E SUAS TIPOLOGIAS

Embora seja comumente visto como referente a danos físicos, de acordo com Coelho, Lindner e Silva (2014, p. 12), o termo ‘violência’ se caracteriza como um dispositivo de controle de um indivíduo sobre outro, podendo incluir ataques e/ou uso de força física ou não, bem como ameaças, e tendo como resultado ou possibilidade danos físicos, emocionais, psicológicos, ou mesmo a morte do indivíduo que sofre tal violência.

Krug et al (2002, apud Coelho, Lindner e Silva, 2014, p. 12), definem três principais categorias de violência: a violência coletiva (caracterizada pela dominação de grupos e do Estado), a violência autoinfligida (subcategorizada em comportamentos suicidas e autoabusivos), e a violência interpessoal (dividida em violência comunitária e violência familiar). Um outro tipo de violência apontada pelas autoras (e que pode ser inserida na violência interpessoal) é a violência por parceiros íntimos, também chamada ‘violência no casal’, e definida por elas como “um comportamento conscientemente hostil e intencional que causa dano físico, psíquico, jurídico, econômico, social, moral ou sexual.” (COELHO; LINDNER; SILVA, 2014, p. 16). É, ainda, um processo que pode ocorrer antes, durante ou depois do relacionamento estabelecido entre os dois indivíduos (independentemente do sexo), e que não se limita aos espaços compreendidos como domésticos, isto é, pode se expandir para os espaços sociais. Essa violência entre parceiros íntimos pode ser caracterizada tanto por abusos físicos (uso de força a fim de causar danos) como por abusos psicológicos (agressões verbais ou gestuais que buscam intimidar, aterrorizar e ameaçar).

Outro conceito relevante é o de violência simbólica, definida pelo sociólogo francês Pierre Bourdieu. De acordo com Souza (2014, p. 140), a violência simbólica descrita por Bourdieu é exercida pelo poder simbólico, o qual “não se mostra como um poder, não aparenta ser um meio de coerção, é o poder em que o indivíduo não sabe ou não se apercebe que está sendo dominado.”. A violência simbólica, então, não aparenta ser um tipo de violência ou um meio de coerção e manipulação, de modo que o indivíduo que a sofre não percebe que está sendo dominado. Como aponta Brandt (2014, p. 16), a violência simbólica “não é uma agressão física, mas sim um modo de agressão que se reflete, muitas vezes, como forma de coação, na qual a classe dominante procura determinar o que pode ser considerado importante dentro de cada cultura.”. Como aponta a autora, é uma forma sutil de dominação.

No que concerne, especificamente, à violência contra as mulheres, Coelho, Lindner e Silva (2014) usam a definição da Assembleia Geral das Nações Unidas, caracterizando esse tipo de violência como atos violentos contra pessoas do sexo feminino, que possam resultar em dano ou sofrimento físicos, sociais ou psicológicos, “inclusive ameaças de tais atos, a coação ou a privação da liberdade tanto na vida pública como na privada.”. (COELHO; LINDNER; SILVA, 2014, p. 16).

Saffioti (2004, p. 48) aponta que o desenvolvimento do conceito de direitos humanos, definido por ela como “um pequeno corpo de direitos universais, ou seja, internacionalmente aceitos, em nome dos quais, as mulheres podem ser defendidas das agressões machistas”, ajudou na redução dessa violência, embora ainda seja insatisfatório em certos continentes. A autora exemplifica tal violência com as mutilações genitais/sexuais e do feminicídio,³ argumentando que é justamente no

³ O prefixo “homo” na palavra “homicídio” tem o sentido de “mesma espécie”, sendo usado nessa palavra em referência a ambos homens e mulheres que são assassinados. Apesar disso, como explica Saffioti (2004), trata-se de um prefixo que se refere, mais comumente, ao sexo masculino, ao homem.

controle da sexualidade feminina (principalmente do marido sobre a esposa) onde reside um dos elementos principais do patriarcado, já que mulheres sofrem diversos tipos de violência por seus parceiros, ex-namorados e amantes: “Sobretudo quando a iniciativa do rompimento da relação é da mulher, esta perseguição, esta importunação, este molestamento podem chegar ao femicídio.”. (SAFFIOTI, 2004, p. 61).

Por fim, a autora argumenta que a violência contra a mulher ocorre em uma escalada, no sentido de que começa com algo ‘pequeno’ e vai ganhando intensidade. Ela aponta também que o homem, como indivíduo que se encontra na posição de dominante na sociedade, é incapaz de aceitar o fim de uma relação por iniciativa da mulher, independentemente de qual seja o motivo para tal fim. Em outras palavras, a iniciativa do término pela mulher a coloca em uma posição de ‘dominante’ que é comumente ocupada pelo homem, e a qual ele não aceita: “isto [a mulher ocupando a posição de dominante] constitui uma afronta para ele. Na condição de macho dominador, não pode admitir tal ocorrência, podendo chegar a extremos de crueldade.”. (SAFFIOTI, 2004, p. 62, grifo nosso). Ou seja, a mentalidade que rege o patriarcado de que a mulher é um objeto pertencente ao homem tem, constantemente, como resultado a violência extrema destes contra elas.

É importante ressaltar, entretanto, que os tipos de violência aqui expostos não são somente do homem contra a mulher, posto que, como apontam Coelho, Lindner e Silva (2014, p. 21), “ainda que encontremos muitas pesquisas que tratam apenas a mulher como vítima de violência física, existem estudos que abordam essa temática com casais, em relatos da mulher não só relacionados ao que ela sofre, mas ao que ela comete [...]”. Como apontam Machado e Matos (2012, p. 17), comportamentos como intimidação, isolamento social, ameaças, e abusos econômico e emocional (todos esses comportamentos mencionados anteriormente e que são considerados característicos de violência entre parceiros íntimos), não se restringem aos homens perpetradores de violência, isto é, podem se estender a ações de mulheres contra homens. As autoras apontam ainda que essas mulheres também são perpetradoras de violência física, se utilizando de “táticas como bofetadas, pontapés, murros e agarrar os seus companheiros durante o conflito.”. (MACHADO; MATOS, 2012, p. 18).

Considerando-se essas teorias e conceitos, a seção a seguir buscará analisar a representação desses tipos de violência no conto *O Revólver da Paixão*, presente no livro *O Calor das Coisas* (1998) da escritora brasileira Nélida Piñon.

3 AS REPRESENTAÇÕES DA VIOLÊNCIA EM *O REVÓLVER DA PAIXÃO*

Segundo Zolin (2008, p. 22), na coletânea de contos *O calor das coisas* (1998), Nélida Piñon “se debruça sobre a alma humana, numa tentativa de desnudar-lhe os mistérios e os conflitos existenciais, em face dos problemas da realidade extraliterária.”. O conto *O Revólver da Paixão* é o sétimo dos treze contos presentes na coletânea, e traz esses conflitos e problemas extraliterários ao representar o fim de um relacionamento amoroso que não é aceito por uma das partes, nesse caso, a mulher.

Com isso, como a autora também aponta, o termo “femicídio” passou a ser utilizado pelas feministas para indicar o assassinato da mulher pelo fato de ela ser mulher, ou seja, por causa de seu gênero.

O conto é, na verdade, um conto-carta⁴ dirigido ao homem amado da narradora-personagem, e se inicia com ela admitindo ter se enganado ao culpar o amado numa situação prévia não explicitada, isto é, assumindo seus erros e pedindo a ele que não a deixe. Esse pedido deixa claro que a iniciativa de pôr um fim no relacionamento partiu do homem e que a narradora está inconformada. O parágrafo seguinte explicita um dos motivos que levaram ao fim do relacionamento: o ciúme exacerbado da mulher, o qual é descrito por ela como sendo “voraz e nervoso” (PIÑON, 1998, p. 41), e que a proíbe de liberar o corpo do parceiro “para os corpos inimigos”. (PIÑON, 1998, p. 41). Esse fragmento remete diretamente à ideia de violência entre parceiros íntimos exposta por Coelho, Lindner e Silva (2014) e que foi discutida na seção anterior, posto que expõe a visão que a narradora possui de ter cativo o corpo de seu parceiro, isto é, o corpo dele é visto como um objeto que está sob o seu controle. Além disso, a expressão ‘corpos inimigos’ indica que ela vê qualquer outra pessoa presente na vida de seu amado como uma ameaça ao relacionamento e impede o contato dele com outras pessoas, ações que são típicas da violência caracterizada por comportamento controlador, de acordo com Coelho, Lindner e Silva (2014, p. 25).

Esse comportamento possessivo também é observável em outros momentos ao longo do conto, como quando a narradora relembra sua promessa de deixar o amado livre para viver a própria vida, embora, para ela, não seja possível que ele tenha uma vida boa e feliz se ela (a narradora) não estiver presente: “Meu Deus, sei que prometi controlar-me. Não te seguir mais. Deixar-te livre para a vida. Mas, *que vida é esta que você reclama onde eu não ocupo a melhor porção?*”. (PIÑON, 1998, p. 41, grifo nosso). Esse trecho também pode ser visto como uma violência simbólica, já que a narradora tenta manipular o amado a retomar a relação ao afirmar que ele não será feliz sem ela.

Em outro momento, ela diz que não dá autorização ao amado para ele deixá-la, novamente expondo seu comportamento possessivo, e avisa: “não te penses livre. Porque onde venhas a estar, irei atrás. [...] Não te creias livre, a vida não é tua. *A tua vida é minha porque me perdi em ti, em cada palavra que disseste e me conquistou.*”. (PIÑON, 1998, p. 41, grifo nosso). É possível observar a crença da narradora de que, por ela se sentir de uma determinada maneira em relação ao amado, este obrigatoriamente deverá se sentir da mesma forma e pertencer a ela. Trata-se de um aspecto controlador da violência psicológica observado na relação do casal, apontado por Coelho, Lindner e Silva (2014), e que se expande ainda mais no texto, quando a narradora diz que o parceiro é “meu prisioneiro como sou a masmorra em que estou mergulhada pela força do bem-querer.”. (PIÑON, 1998, p. 42). Além disso, ao afirmar que o amado a conquistou e por isso ela se perdeu nele (grifo), a narradora usa a violência simbólica mais uma vez, posto que tenta manipular a situação de modo a colocar a culpa de seu ‘amor’ exacerbado e de seu comportamento possessivo em seu (ex)parceiro (diz-se, no fato de ele a ter conquistado).

Esse controle exacerbado continua a aparecer quando a narradora diz que o seu ciúme: “aconselha-me a matar-te. Mas, matar com cuidado de ourives traçando mil desenhos em tua carne para que mesmo morto deixes o mundo enfeitado com o meu estigma.”. (PIÑON, 1998, p. 41). Observa-se nesse trecho a ameaça da violência física com a morte como resultado e, nesse caso, uma morte que é encarada como

⁴ Também denominado ‘epistolar’, de acordo com Magalhães Junior (1972), esse formato não se resume ao conto, podendo se dar em relação a diversos outros gêneros, como o romance, o documentário histórico e descritivo, a biografia, a autobiografia, e o gênero policial. Como o autor aponta, trata-se de um texto cuja narrativa é constituída inteira ou parcialmente de cartas.

uma obra de arte a ser exposta: deixar a sua marca no parceiro, para a narradora, seria uma forma de expor para o mundo que o amado lhe pertence, mesmo depois da morte. Isso é posto explicitamente num parágrafo seguinte, quando a narradora diz: “Ou serás só meu, ou te mato. Não, eu não quero te matar, como haveria de viver sem a tua alegria, o modo como despertas jovem e jubilado” (PIÑON, 1998, p. 41). Nesse trecho, é possível observar tanto a violência física exposta por Coelho, Lindner e Silva (2004), posto que há a ameaça de morte explícita, como a violência simbólica proposta por Bourdieu. A presença dessa violência simbólica se confirma visto que, ao afirmar que não é possível viver sem a alegria do amado, a narradora o está manipulando a ficar consigo para que a vida dela não acabe e, conseqüentemente, estabelecendo seu domínio sobre ele sem que este necessariamente perceba.

Essa manipulação se mantém, quando a narradora prossegue:

[...] sou tão ansiosa, tão perdida na própria paixão. *Você brinca comigo, diz que não tomo jeito, mas você está povoado de orgulho do mesmo modo como te povôo de lendas.* Eu te enfeito com histórias que ninguém, senão eu, li em você. Você sabe o poema que farei amanhã, a palavra que perderei no futuro se me escapas agora. Não te autorizo a deixar-me. Ouvia o que eu disse? Não te dou licença de passear pela terra, de ter um futuro em que eu não esteja inteira. (PIÑON, 1998, p. 42, grifo nosso).

O primeiro apontamento a ser realizado sobre essa passagem é que, da mesma forma que havia feito ao discutir seu ciúme, a narradora busca colocar a culpa de paixão descontrolada em outra coisa: primeiro, era o ciúme que não lhe permitia liberar o parceiro e que a aconselhava a matá-lo; já nessa passagem, é a sua ansiedade e paixão que a fazem perder o controle. Em segundo lugar, aponta-se a maneira como a personagem usa palavras para levar o parceiro a crer que, na verdade, ele gosta desse descontrole, isto é, que ele sente orgulho da maneira como a narradora age em relação a ele, como observável no grifo. Ou seja, a mulher o violenta simbolicamente ao colocar-se numa posição de domínio que leva o amado a pensar que ele tem apreço por essa falta de controle e ciúme exacerbado. Em terceiro lugar, aponta-se novamente o comportamento hostil típico da violência entre parceiros íntimos que é demonstrado pela personagem ao final da passagem, quando ela deixa novamente clara sua crença de ter controle sob o parceiro, não permitindo que ele dê um fim ao relacionamento. É o comportamento controlador apontado por Coelho, Lindner e Silva (2014, p. 26), nesse caso, caracterizado pela ameaça explícita. Essa observação vem atrelada à visão que a narradora havia exposto anteriormente de ou ter a posse do amado ou matá-lo, já que ela afirma que não dá a ele a permissão de “de passear pela terra, de ter um futuro em que eu não esteja inteira.” (PIÑON, 1998, p. 41), isto é, de continuar a viver sem ela.

No parágrafo seguinte, a narradora fala sobre seu desejo pelo amado e sobre a agonia de não mais o ter. Também fica claro que o relacionamento não era completamente saudável, posto que a narradora diz que rasga o amado da mesma forma como ele a rasga, isto é, os dois se machucavam mutuamente (seja um ‘machucar’ físico ou psicoemocional). Adicionalmente, é explicitado que o parceiro já não mais amava a narradora, a qual estava constantemente cobrando dele um amor que ele não queria dar-lhe e que ele estava “exausto, derrubado, fraco, senil” (PIÑON, 1998, p. 41), isto é, a violência da narradora contra o amado, a cobrança dela por sentimentos que não mais existiam, estava se mostrando danosa para ele, tanto física (“exausto, derrubado, fraco”) como psicologicamente (“senil”). Para ela,

contudo, o homem ainda a ama mais do que sabe, e, se não sabe, ela o irá recordar, o que é mais uma forma de violência simbólica, onde a narradora tenta continuamente forçar no amado sentimentos que ele não mais tem.

Num outro momento, ela ameaça vingar-se do homem se ele não aceitar retomar a relação: “abro minhas pernas para o teu inimigo, convidarei o desafeto a comer minhas carnes com garfo e faca e que divulgue entre amigos [...]” (PIÑON, 1998, p. 42), ou seja, utiliza-se de uma violência verbal, bem como de utilizar o próprio corpo para punir o amado, assim, manipulando-o a retomar a relação. Apesar disso, em seguida, a narradora afirma que irá amá-lo até o fim de sua vida, o que se revela, porém, como mais um uso da violência simbólica e da manipulação, já que ela prossegue dizendo: “a minha vida, amor, será curta se não voltares. Será tão curta que terás medo. Pois nunca saberás se me mato, se te mato, se aniquilo os dois na mesma rodada de bebida.”. (PIÑON, 1998, p. 42). Ou seja, ela se coloca numa posição de dominação sobre o amado na qual exerce sobre ele um poder através de ameaças tanto à vida dele como à sua própria, poder este que pode se caracterizar como simbólico já que o parceiro talvez não perceba essa manipulação. Em outro trecho, a narradora inverte a técnica de manipulação, dizendo: “Te odeio e te condeno ao inferno. Não te quero mais ver, não me venhas mais à porta, ajoelhado e trazendo migalhas de pão entre os dedos.”. (PIÑON, 1998, p. 43). O que se observa é que a narradora está se utilizando de uma violência simbólica e manipulando o amado para fazê-lo pensar que não o quer mais, colocando-se, então, em uma posição de ‘superioridade’ e domínio.

Um último apontamento a ser feito diz respeito à maneira como Nélida Piñon subverte as posições homem/mulher no relacionamento amoroso e como dominante/dominado, considerando-se que, como havia apontado tanto Saffioti (2004) como Coelho, Lindner e Silva (2014), no patriarcado, o mais comum e frequente é o homem apresentar a mentalidade de posse sobre a mulher como sua parceira romântica, assim como o inconformismo com o fim do relacionamento e, conseqüentemente, comportamentos considerados como violentos (sejam esses físicos, psicológicos e/ou emocionais). No conto *O Revólver da Paixão*, contudo, é possível observar que Piñon inverteu essas posições, colocando, então, a mulher como praticante dos tipos de violência aqui discutidos e o homem como indivíduo dominado e violentado. Por fim, afirma-se que essa inversão funciona tanto como uma crítica às crenças que regem o patriarcado a respeito do controle e posse da mulher sobre o homem, como, concomitantemente, expõe o fato exposto anteriormente por Coelho, Lindner e Silva (2014) de que as mulheres também são passíveis de serem violentas, o que, por sua vez, rompe com outra noção patriarcal, de que as mulheres são seres meramente passivos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontado por Brandt (2014), o conceito mais comum de violência é aquele relacionado às agressões que têm como resultado danos físicos. Contudo, estudos e análises sociológicas mostram que o termo abrange outros tipos, que se expandem para vários outros setores da sociedade. Três tipos principais foram expostos por Coelho, Lindner e Silva (2014): a violência coletiva; a violência autoinfligida; e a violência interpessoal, sendo essa terceira a mais enfocada no presente trabalho, e na qual se insere a violência que as autoras denominam violência entre parceiros íntimos ou violência no casal. Em adição a esses conceitos,

viu-se também a chamada violência simbólica, proposta por Pierre Bourdieu e aqui discutidas sob as perspectivas de Brandt (2014) e Souza (2014), e que é definida como uma violência ‘oculta’, a qual não é percebida por aquele que é violentado, e que se utiliza de coação e manipulação.

Com base nesses conceitos, este trabalho buscou analisar a representação desses tipos de violência no conto *O Revólver da Paixão*, da escritora Nélide Piñon. O conto-carta traz a narradora-personagem dirigindo-se ao amado e mostrando-se inconformada com o fim da relação amorosa. Ao longo da narrativa, observa-se que a narradora faz uso de alguns dos tipos de violência que foram expostos e discutidos, assim como comportamentos típicos desses tipos de violência. Dentre esses, observou-se a ideia de posse sobre o parceiro romântico e o comportamento hostil e controlador (todos característicos da violência entre parceiros íntimos), quando a narradora afirma seu ciúme descontrolado e proíbe o amado de ser livre, encarando outras pessoas como “corpos inimigos”, isto é, como ameaças ao seu relacionamento.

Também foi identificada a violência por meio de ameaças (principalmente de morte) realizadas pela narradora, ameaças estas que eram tanto direcionadas ao amado quanto a si mesma, e que, por sua vez, buscavam manipulá-lo. A presença de manipulações, por sua vez, levou à identificação de trechos que continham a violência simbólica, e nos quais a personagem claramente violentava o amado de maneiras implícitas e que provavelmente não seriam notadas por ele.

Em suma, a análise realizada permite a afirmação de que o conto de Piñon traz, de fato, representações de tipos de violência e de seus comportamentos típicos que são observáveis em relações interpessoais e entre parceiros íntimos, e, em adição a isso, a autora traz críticas relativas às relações entre homem e mulher inseridas no contexto da sociedade patriarcal.

REFERÊNCIAS

BRANDT, Joice. **Violência simbólica**: uma reflexão acerca do *habitus* docente. Lajeado, 2014. Disponível em: <<https://bityli.com/vPwxnOM>>.

COELHO, Elza Berger Salema; LINDNER, Sheila Rubia; SILVA, Anne Carolina Luz Grüdtner. (Org.). **Violência**: definições e tipologias [recurso eletrônico]. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014. Disponível em: <<https://bityli.com/DWKLWbm>>.

MACHADO, Andreia; MATOS, Marlene. Homens de quem não se fala: as vítimas esquecidas da violência na intimidade. **Psiquiatria, Psicologia & Justiça**, p. 5-28, 2012. Disponível em: <<https://bityli.com/RLzzWk>>.

MAGALHÃES JUNIOR, R. O Conto Epistolar. In: MAGALHÃES JUNIOR, R. **A Arte do Conto**. Rio de Janeiro: Bloch Editores S.A., 1972. p. 155-173.

PIÑON, Nélide. **O calor das coisas**: Contos. (Documento em formato eletrônico). Disponível em: <<https://bityli.com/fKOOFx>>.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. Descobertas da área das perfumarias. *In*: SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado, violência**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 39-68.

SOUZA, Rafael Benedito de. Formas de pensar a sociedade: o conceito de *habitus*, campos e violência simbólica em Bourdieu. **Revista Ars Historica**, nº 7, p. 139-151, Jan./Jun., 2014. Disponível em: <<https://bityli.com/ZRDTOE>>.

ZOLIN, Lúcia Osana. A representação da mulher na narrativa de Nélida Piñon. **Interdisciplinar**, Ano 3, v. 5, nº 5, p. 11-37, jan-jun de 2008. Disponível em: <<https://bityli.com/rjEUrq>>.